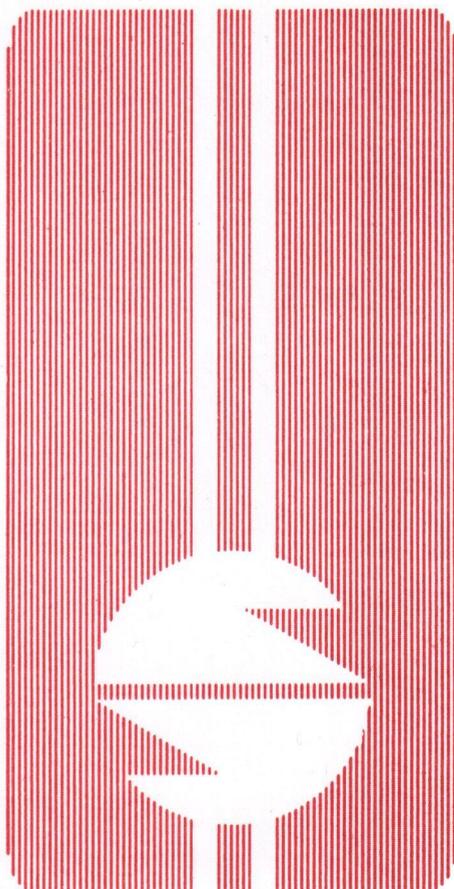


análise econômica

- **EQUILÍBRIO, PROGRESSO TÉCNICO E DESIGUALDADES REGIONAIS**
Carlos Roberto Azzoni
- **DESENVOLVIMENTO POLARIZADO E DESEQUILÍBRIOS REGIONAIS**
Nali de Jesus de Souza
- **OS NOVOS CLÁSSICOS E O MÉTODO**
Carlos Magno Lopes
- **ECONOMIAS DE MERCADO E DEMANDA EFETIVA**
Gilberto Tadeu Lima
- **MEASURES OF CAPACITY UTILIZATION**
Marcelo S. Portugal
- **ASPECTOS DO CONTROLE EM UM MODELO DINÂMICO**
Marat Rafikow
Pedro Augusto P. Borges
- **A FIRMA EM UM AMBIENTE INFLACIONÁRIO**
Carmen A.do V.C. Feijó
- **CUSTOS E BENEFÍCIOS DA INTEGRAÇÃO REGIONAL**
Marco Antônio Montoya
- **A REESTRUTURAÇÃO DA ECONOMIA MUNDIAL**
Hoyêdo Nunes Lins
- **O MERCADO COMO PROCESSO: A ABORDAGEM AUSTRIACA**
Fernando Caputo Zanella
- **GARY BECKER: PRÊMIO NOBEL DE ECONOMIA DE 1992**
Giácomo Babinotto Neto
- **LIVROS RECEBIDOS**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Reitor: Prof. Héglio Henrique Casses Trindade
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
Diretor: Prof. Pedro César Dutra Fonseca
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS ECONÔMICAS
Diretor: Prof. Roberto Pires Pacheco
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
Chefe: Prof. Fernando Ferrari Filho
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA
Coordenador: Prof. João Rogério Sanson
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA RURAL
Coordenador: Prof. Juvir Luiz Mattuella

CONSELHO EDITORIAL: Achyles Barcelos da Costa, Aray Miguel Feldens, Atos Freitas Grawunder, Carlos Augusto Crusius, Ernani Hickmann, Fernando Ferrari Filho, João Rogério Sanson, Juvir Luiz Mattuella, Marcelo Savino Portugal, Maria Imilda da Costa e Silva, Nali de Jesus de Souza, Nuno Renan Lopes de Figueiredo Pinto, Otilia Beatriz Kroeff Carrion, Otto Guilherme Konzen, Paulo Alexandre Sphor, Pedro Cezar Dutra Fonseca, Reinaldo Ignacio Adams, Roberto Camps Moraes, Valter José Stülp, Yeda Rorato Crusius, David Garlow (Wharton Econometrics Forecasts Association, E.U.A.), Edgar Augusto Lanzer (UFSC), Eleutério F. S. Prado (USP), Fernando Holanda Barbosa (FGV/RJ), Gustavo Franco (PUC/RJ), Joaquim Pinto de Andrade (UnB), Juan H. Moldau (USP), Werner Baer (Univ. de Illinois, E.U.A.).

COMISSÃO EDITORIAL: Atos Freitas Grawunder, Pedro Cezar Dutra Fonseca, Reinaldo Ignacio Adams e Roberto Camps Moraes.

EDITOR: Prof. Nali de Jesus de Souza

SECRETARIA: Maria Ivone de Mello (normalização), Vanete Ricacheski (revisão de textos).

FUNDADOR: Prof. Antônio Carlos Santos Rosa

Os materiais publicados na revista *Análise Econômica* são da exclusiva responsabilidade dos autores. É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos, desde que seja citada a fonte.

Aceita-se permuta com revistas congêneres. Aceitam-se, também, livros para divulgação, elaboração de resenhas ou resenhas.

Toda correspondência, material para publicação (vide normas na terceira capa), assinaturas e permutas devem ser dirigidos ao seguinte destinatário:

PROF. ROBERTO CAMPS MORAES
Revista *Análise Econômica*
Av. João Pessoa, 52
CEP 90040-000 - PORTO ALEGRE (RS), BRASIL
Telefones: (051) 228-1633, ramal 3440
Fax: (051) 225-1067

O MERCADO COMO PROCESSO: A ABORDAGEM AUSTRÍACA*

Fernando Caputo Zanella**

SINOPSE

Neste artigo arrolam-se as principais contribuições dos economistas austríacos para a interpretação do mercado como um processo de descoberta. Elementos muito característicos dessa abordagem são o conhecimento limitado e o tempo e, por consequência, a incerteza. Neste contexto, os empresários desempenham um papel fundamental. Os empresários com sua capacidade empreendedora coordenam e minimizam os distúrbios no mercado como uma consequência natural e imprevista de seus atos. Ao final do artigo, evidenciam-se as principais diferenças conceituais entre os austríacos e os neoclássicos.

1. INTRODUÇÃO

A Escola Austríaca de Economia (EAE) apresenta uma formação distinta dentro da chamada revolução marginalista.¹ Menger elabora conceitos que, mais tarde, seriam desenvolvidos por seus sucessores, significativamente distintos de Walras e Jevons e, posteriormente, de Marshall. Estes últimos são mais genericamente chamados de neoclássicos.

Além das diferenças filosóficas e metodológicas, os austríacos desenvolveram conceitos particulares (Kauder, 1965, Cap.VIII). A escala de preferências do indivíduo, desde o início, era ordinal e não comparável entre indivíduos.² Embora Menger tenha utilizado números em sua representação das escalas de preferências, ele o fez com o intuito de demonstrar a importância relativa

* O autor agradece aos comentários dos professores João R. Sanson, Juan C. Cachanosky e Ernani Hickmann. Infelizmente, os erros que ainda persistem, não podem ser divididos com as pessoas anteriormente citadas, sendo de exclusiva responsabilidade do autor.

** Mestre em Economia pela UFRGS; professor da Unisinos e da Fundação Regional de Economia; diretor técnico do Instituto Liberal-RS.

1 Sempre que se mencionar, neste texto, os austríacos, implicitamente estar-se-á fazendo referência a uma tradição de pensamento, a Escola Austríaca de Economia (EAE).

2 A não comparabilidade entre as utilidades marginais dos indivíduos explica porque os austríacos não concordam com os impostos progressivos (além de não incentivar a busca da renda adicional e a distorção na alocação de recursos). Para Hayek (1983, cap. XX), tão absurdo quanto tentar medir as utilidades (escala ordinal) é tentar comparar a importância da última unidade monetária entre indivíduos de distintas rendas.

Cód. AEA 030	Palavras-chave: Liberalismo, monopólio e empresário		
ANÁLISE ECONÔMICA	ANO 11	Março/93	P.172-187

das necessidades (ordinal), não pretendia demonstrar a possibilidade de mensuração (cardinal) (Menger, 1983, p.290). Além disso, o uso de variáveis discretas, em vez de contínuas, também era uma característica desta escala para os austríacos. Mas as interpretações mais marcantes referiam-se aos custos e ao mercado como um processo de descoberta.

Na interpretação austríaca, o preço do bem final é que determina os custos, e não o inverso. Ou seja, em função de uma expectativa em relação ao preço do bem a ser produzido é que se incorre em custos. Esta visão era distinta da análise dos demais marginalistas. A síntese neoclássica de Marshall coloca o preço do bem final determinado por uma "tesoura" com dois lados de igual importância. O lado da demanda é subjetivamente determinado pelas preferências dos consumidores. O lado da oferta é objetivamente determinado pelos custos marginais de produção. A colocação austríaca concorda quanto à determinação conjunta entre demanda e oferta, mas ressalva que a oferta também é subjetivamente determinada. O preço estimado pelo vendedor também está fundamentado nas preferências subjetivas dos consumidores. Em ambos os casos, as preferências dos consumidores são o determinante último do valor.

Para os austríacos, o conhecimento não é dado a nenhum dos participantes do mercado. O mercado não é apenas uma atividade economizadora que permite alocar eficientemente recursos, dadas as preferências e as técnicas, para determinados fins. O mercado é basicamente um processo de descoberta destas informações. É uma incursão em um mundo de incerteza e informações dispersas.

Antes do desenvolvimento dos conceitos do mercado como um processo, examina-se o debate com os socialistas sobre a possibilidade do cálculo econômico.

2. A POSSIBILIDADE DE CÁLCULO ECONÔMICO NO SISTEMA SOCIALISTA

Em Menger (1983), não se encontra elementos implícitos suficientes para que se possa afirmar que o fundador da EAE compreendia o mercado basicamente como um processo. Sendo este conceito desenvolvido de forma sistemática, inicialmente, nas obras de Mises (1952,1990) e Hayek (1945,1949,1978), durante o debate sobre a possibilidade de cálculo econômico em um sistema planejado.

O cálculo econômico pressupõe a existência de mercado e de preços monetários livremente estabelecidos. Os preços informam quais são os recursos ou serviços mais intensamente demandados e quais são os recursos escassos. O cálculo econômico envolve a opção por determinado bem ou serviço, isto é, uma vez que os recursos são escassos, ao se fazer uma opção automaticamente se está descartando outra alternativa.

O mercado existe para, através de preços livres, coordenar as informações dispersas na sociedade sobre as necessidades subjetivas de milhões e milhões de

pessoas. Simplesmente recorrer a aspectos tecnológicos e quantitativos, sem prestar atenção à sinalização dos preços livres, é um esforço burocrático totalmente equivocado.³

Mises, em seus debates com os socialistas, e em particular em seu debate com O. Lange (1964),⁴ passa a elaborar o que constituiria um processo de mercado.⁵ Em função deste debate, Lange sugere que se construa uma estátua em homenagem a Mises por suas valiosas críticas. A partir delas os socialistas passaram a perceber a existência de problemas, os quais mais tarde, seriam de grande utilidade aos planejadores para melhor ajustar os recursos.⁶ Segundo Lange os estoques de mercadorias forneceriam as condições necessárias sobre o que e quanto produzir. Por exemplo, "uma acumulação de estoque *ex post* de lápis é um indicativo para que se diminua a produção de lápis e se aumente, por exemplo, a de vodca que registrou perda de estoques."⁷ Lange, posteriormente (1972), considera que o ajuste realizado por uma agência central através das observações aos excessos de oferta ou demanda, fica aperfeiçoado com a utilização do computador. Para Lange mesmo que o computador tenha problemas, ele supera com vantagens os mecanismos de mercado.

Na verdade, Lange não compreendeu adequadamente as considerações de Mises⁸ de que, se não existisse troca de condições (*ceteris paribus*), ou seja, se as condições são estáticas, o socialismo é possível. Entretanto o governo para alocar

3 A incompreensão do papel dos preços e do cálculo econômico pode ser observada nas declarações favoráveis ao monopólio, da Petrobrás por considerarem um "sucesso" a grande produção petrolífera no Brasil. Desviar recursos da sociedade, por uma decisão burocrática, para prospecção petrolífera perfurando rochas - porque é tecnicamente possível - sem considerar o custo envolvido, os bens e serviços que deixaram de ser produzidos e os preços mais baixos no mercado internacional, é um equívoco. Este raciocínio envolve um cálculo aritmético, não um cálculo econômico.

4 Hayek posteriormente volta a analisar este debate e refuta Lange de forma contundente. Para Hayek a argumentação de Lange se resume a duas páginas de ficção (Hayek, 1983a).

5 Para uma interpretação alternativa deste debate, ver Lavoie (1987) e Vaughn (1980).

6 "Os socialistas certamente devem ter boas razões para serem gratos ao prof. Mises, o grande "advocatus diaboli" da causa deles. Foi a força de suas provocações que forçaram os socialistas a reconhecerem a importância de um adequado sistema de cálculo econômico como guia na alocação de recursos numa economia socialista. (...) Tanto como expressão do reconhecimento pelo grande serviço prestado por ele e em memória da fundamental importância do correto cálculo econômico, uma estatua do prof. Mises deveria ocupar um espaço privilegiado no grande salão do Ministério de Socialização ou do Comitê de Planejamento Central do Estado socialista" (Lange, 1964, p.57).

7 Neste exemplo, também supomos que as autoridades não interviram na livre escolha dos indivíduos, ou seja, que não julguem "inconveniente" ou "deturpada" as preferências das pessoas pelo consumo de vodca.

8 Evidência de que Lange não compreendeu as observações feitas pelos austríacos, encontra-se nesta passagem sobre os "economistas burgueses", (1972a, p.70): "A teoria da forma desenvolvida pelas Escolas Austríaca, Marshalliana e de Lausanne é essencialmente de equilíbrio estático, analisando o processo econômico segundo um sistema de dados e mecanismos constantes mediante os quais os preços e as quantidades produzidas se ajustam às mudanças neles ocorrida". A colocação de Lange não é correta.

eficientemente bens e serviços, precisa saber das preferências subjetivas dos consumidores sobre o que é prioritário, e quais os recursos mais escassos. O subjetivismo inerente à tomada de decisões dos indivíduos torna a previsibilidade sobre o que, como e onde produzir impossível para uma ou poucas mentes num sistema planejado. As variações nos estoques não permitem a descoberta inerente ao conhecimento específico em tempo e lugar.

Em contrapartida, os empresários atuam com base no princípio de tentativa e erro em função de *preços esperados*, ou seja, o que vai passar e não o que passou como sugere Lange. Estes critérios distintos alteram os critérios de alocação de recursos, rentabilidade (juros) e erro, em suma: o critério para decidir inversões é subjetivo e não objetivo. A questão de fundo neste debate é que Lange interpreta o mercado dentro de um conceito de equilíbrio geral e Mises que uma economia uniformemente circular (de equilíbrio geral) tem validade secundária. Desenvolvem-se estes pontos nas seções seguintes.

Cabe ressaltar que, para os austríacos, a ciência econômica é parte integrante de estudos sobre filosofia. Dentro desta concepção, os austríacos consideram que uma incorreta interpretação dos mecanismos de mercado, tal como fazem os socialistas, inclusive utilizando a abordagem neoclássica, pode resultar em regimes de crescente dirigismo e restrição das liberdades individuais. Um componente desta concepção de dirigismo (construtivista) é o que Hayek convencionou chamar de "engenheiros sociais". Estes "engenheiros" pretensamente julgam terem condições de alcançar o conhecimento disperso no mercado - mercado que foi evoluindo durante milhares de anos sem que as pessoas soubessem ou arquitetassem sua construção (ordem espontânea) - e, ainda, terem condições de avaliar corretamente a consequência de seus atos.

3. OS PREÇOS, O CONHECIMENTO DISPERSO E A ORDEM ESPONTÂNEA

O mercado é fruto da ação humana. A articulação das ações entre indivíduos leva à divisão do trabalho e à propriedade privada dos meios de produção. A desigualdade de renda e riqueza, e a divisão social do trabalho, induzem os indivíduos a contribuírem à produção e ao crescimento sem a necessidade de coação. Neste mercado, uma atuação mínima do Estado possibilita o funcionamento da economia dentro de determinado marco institucional, impedindo a agressão entre os agentes do mercado e a violação de seus direitos individuais.

Os julgamentos de valor dos indivíduos são representados no mercado por uma estrutura de preços monetários. Estes preços servirão como *sinais* para novas ações por parte dos indivíduos. Por exemplo, os produtores orientam-se para decidir o que, o quanto e como produzir. A moeda desenvolve o papel fundamental de possibilitar o cálculo econômico, tendo em vista que representa as preferências

dos indivíduos e serve de referência para novas ações através de seus valores monetários, os preços. Mas este cálculo não é um cálculo global, ou seja, elaborado por uma ou poucas mentes para toda a economia, mas sim cálculos racionais, o que não significa que sejam corretos, elaborados individualmente por todos os agentes do mercado.

Os preços no mercado, em última instância, são estabelecidos pelos consumidores, determinantes últimos do valor. *Cada consumidor é um orientador do mercado.* Os produtos e serviços são feitos para ele. O consumidor sempre escolhe o que lhe serve melhor. Se um produtor passa a oferecer no mercado um produto melhor e/ou mais barato do que o de outros produtores, o consumidor escolherá os "produtos recém-chegados" ao mercado.

O consumidor também determina os preços dos fatores de produção, já que os preços dos produtos finais (esperados) é que determinam os custos. Isto é, não é por se ter incorrido em custos que se venderá um produto a determinado preço, mas sim o inverso. É na expectativa de se vender um produto a um preço que se incorrerá em custos. É isto que constitui a viabilidade econômica de um negócio. Neste sentido, o consumidor determina as rendas dos agentes do mercado.

No entanto, do ponto de vista de cada consumidor, a impressão que ele tem é que deve se ajustar aos preços de mercado. O que ocorre, na verdade, é que quanto maior for a dimensão do mercado menor será o peso individual de cada consumidor. É neste sentido que, dentro da concepção de mercado livre, em que o governo não proporciona privilégios a grupos específicos, o consumidor é soberano.

O conhecimento não é dado a ninguém em sua totalidade, mas sim encontra-se disperso em *bits*. Assim, pode-se criticar a possibilidade do cálculo econômico central⁹ defendido pelos socialistas. Além disso, todas as atitudes dos indivíduos estão condicionadas pelos fatores tempo e lugar, o que impede um conhecimento *ex-ante* de como agirão os indivíduos com base no já ocorrido. O conhecimento disperso, condicionado por tempo e lugar, é próprio dos diversos agentes do mercado, permitindo a atuação empresarial, enquanto o conhecimento científico é próprio do economista. Neste sentido é que Hayek considera a pretensão de conhecer a totalidade das informações do mercado e de seus agentes de uma *Fatal Arrogância*, título de sua última obra (1990).

O exemplo clássico de Hayek, para o conhecimento disperso e limitado e a função dos preços como orientadores para que os indivíduos atuem como se tivessem mais informações do que realmente dispõem, será citado a seguir. Este

9 "Qual o problema que desejamos resolver quando tentamos construir uma ordem econômica racional? Sobre certos pressupostos a resposta é bastante simples. Se nos possuímos todas as informações relevantes, se nós podemos iniciar de um dado sistema de preferências e se temos completo conhecimento dos meios disponíveis, o problema que permanece é de pura lógica. Ou seja, a resposta para a questão de qual é o melhor uso dos meios disponíveis está implícita em nossos pressupostos" Hayek (1945,p.519).

exemplo inclui, implicitamente, o conceito da ordem espontânea do mercado - tais como os exemplos da moeda e da linguagem - e as informações sobre a escassez relativa entre bens.

Suponhamos que em algum lugar no mundo tenha surgido uma nova oportunidade para o uso de alguma matéria-prima, digamos o estanho, ou que uma das fontes de oferta do estanho tenha sido eliminada. Não é importante para os nossos propósitos - e é muito significativo que não seja importante - qual dessas duas causas tornaram o estanho mais escasso. Tudo que os consumidores de estanho precisam saber é que parte do estanho que eles costumavam usar é agora mais rentavelmente empregado em outro lugar, e que por consequência devem economizar estanho. Não há necessidade para a grande maioria deles saber onde surgiu a necessidade mais urgente ou em favor de que outras necessidades devem administrar prudentemente a oferta. Se somente alguns deles sabem diretamente a nova demanda e orientam recursos para atendê-la, e se as pessoas que estão cientes do novo hiato assim criado passam a suprir com outros recursos, o efeito se estenderá rapidamente a todo o sistema econômico e influenciará não somente nos usos de estanho, mas também nos substitutos e nos substitutos destes substitutos, a oferta de todos os produtos feitos de estanho, seus substitutos e assim sucessivamente, tudo isso sem que a grande maioria que contribui para efetuar estas mudanças saiba qualquer coisa sobre a causa original destas mudanças. O todo atua como um mercado, não porque alguns de seus membros tenham uma visão de todo o campo, mas porque suas limitadas visões individuais se sobrepõem suficientemente de maneira que através de muitos intermediários a informação relevante é comunicada para todos (Hayek, 1945, p.526).

Hayek considera o sistema de preços como uma *communications network*, que informa a escassez relativa entre os diversos bens. Os preços também podem, mas não necessariamente devem, propiciar informações adicionais. Mas a grande vantagem dos preços é possibilitar ajustamentos no mercado mesmo sem estas informações. Os preços também criam oportunidades de lucros empresariais nas "falhas" do mercado. Este é o assunto da próxima seção.

4. O PAPEL DO EMPRESÁRIO

A função empresarial é consideravelmente desenvolvida nos textos dos austríacos, em particular em Kirzner (1976, 1979 e 1986). Para que se compreenda o processo de mercado, se necessita compreender a função empresarial, o empreendedor, a força motriz do mercado. O empresário é aquele que reflete sobre o que está sendo feito e o que poderia ser feito. Esta reflexão está condicionada à possibilidade de lucro, o que limita estes atos a atenderem aos anseios dos demandantes do mercado.

O mercado é composto por *homo agens*, os consumidores, empresários/produtores e proprietários de recursos. Os agentes do mercado não são apenas economizadores (alocadores), mas também devem principalmente *identificar fins* e meios disponíveis para suas decisões. O início do processo de mercado é um contexto de incerteza e de ignorância com relação às decisões dos outros agentes. Estas decisões podem resultar em planos fracassados (envolve ação) ou na não exploração de oportunidades existentes (a omissão). Como consequência deste processo de tentativa e erro, os agentes do mercado passam a aprender e elaboram um conjunto revisto de decisões. Ao contrário da teoria

neoclássica, que se baseia em curvas de oferta e demanda conhecidas, no processo de mercado é fundamental a ignorância dos seus participantes.

Os lucros e perdas empresariais são conseqüências do ajustamento da produção por parte dos empresários às preferências dos consumidores. O desequilíbrio e a incerteza criam as condições necessárias para a atuação empresarial sobre o futuro estado do mercado.¹⁰

O processo de mercado é, então, essencialmente competitivo, pois cada participante deve oferecer e aproveitar as melhores oportunidades e, para isso, deve decidir levando em consideração também as expectativas e possíveis decisões dos outros participantes do mercado, já que as oportunidades alternativas (de compra e venda) forçam, necessariamente, a competição no mercado. Se houvesse a perfeição nas oportunidades, isto é, não houvesse possibilidades melhores, estaríamos numa situação de equilíbrio, logo, sem competição.

Esta tendência ao equilíbrio, ou seja, de decisões cada vez mais aproximadas, é fruto da atuação empresarial, e seu "*alertness*", que significa a constante atenção para obtenção de novas informações que resultarão em lucros.¹¹ A competição entre os empresários fará com que a disparidade de preços, que proporciona o lucro, diminua e, assim, participantes marginais passam a ser excluídos do mercado. O empresário, em sua atuação, passa a ser um agente coordenador do mercado. Neste sentido, a exclusão do elemento empresarial, o estado de alerta para novos objetivos e recursos potenciais, não possibilita a compreensão do mundo real. A opção de estudar a empresa em detrimento ao empresário é um grave problema na teoria microeconômica.

Pode-se ilustrar o elemento coordenador empresarial em contraposição a uma análise de bem-estar típica da caixa de Edgeworth com o seguinte exemplo de Kirzner (1986,p.164):

Se A estaria disposto a oferecer até vinte laranjas por uma quantidade de maçãs de B, e B estaria disposto a aceitar, em troca de suas maçãs, qualquer número de laranjas menor que 10, então (contanto que A e B estejam, cada um, na ignorância da oportunidade apresentada pela atitude de outro) pode-se garantir lucro empresarial comprando as maçãs de B a um preço (em laranjas) maior que 10 e, depois, revendendo-as a A por um preço menor que 20.

Faz-se um último e importante comentário sobre o empresário. Ele pode ser

10 Aqui cabe ressaltar a necessidade de não confundirmos os lucros empresariais, obtido através do atendimento as necessidades dos agentes do mercado, com o sentido "vulgar" ou incorreto de empresários, ou seja, aquele que não presta nenhum serviço novo mas obtém uma vantagem através de um órgão público. Vejamos o que nos diz Mises (1990,p.270): "Numa economia de mercado que funcione sem entraves, os capitalistas e empresários não podem esperar vantagens pela corrupção de funcionários e políticos. Por outro lado, os funcionários e os políticos não têm condições de fazer chantagem e de extorquir suborno dos homens de negócios. Num país intervencionista, grupos de pressão poderosos se empenham em obter para os seus membros privilégios as custas de indivíduos e grupos mais fracos."

11 Kirzner (1986,p.58-60) identifica a noção de controle final em Knight (1971) com sua concepção de "*alertness*".

compreendido como aquele que está constantemente alerta para novas informações. Neste sentido, aquele que desconhece totalmente o ramo em que vai atuar, desconhece como agir de forma eficiente, etc., passando a contratar pessoas que dispõem desta informação, é um empresário. Pois se os contratados não tinham noção de como aplicar coordenadamente suas informações, ou tinham receio de fazê-lo, e passam a vender seus serviços a outro, significa que não tinham toda a informação necessária. Aquele que os contratou, mesmo conhecendo muito pouco da atividade e, ele próprio, não sabendo como realizar, tinha uma informação num grau mais elevado. Esta pessoa soube como achar e agrupar as pessoas que realizariam lucro para ela e realizou um empreendimento que de outra forma não existiria.

4.1 O Empresário em Schumpeter

Finalmente, ressalta-se uma distinção fundamental entre a compreensão do processo de mercado e do papel empresarial entre Kirzner e Schumpeter (1971). Para Schumpeter, o empresário é um elemento inovador, que utiliza novos métodos, produtos, tecnologia, etc. Assim, através de sua "destruição criadora" rompe situações de equilíbrio. Neste sentido para Schumpeter, o empresário, na verdade, é um "desequilibrador" e sua análise se circunscreve de um ponto de equilíbrio geral para outro ponto de equilíbrio geral e, assim, sucessivamente. Neste aspecto, ainda podemos observar sua aproximação metodológica com a tradição walrasiana (Escola de Lausanne).

Em contraposição, para Kirzner, o empresário é, definitivamente, um coordenador, um "equilibrador" visto que ele atua com base nos distúrbios do mercado e, assim o fazendo, tende a minimizá-los.¹² Além desta questão fundamental, Kirzner estuda o mercado como um processo em direção ao equilíbrio, justamente em função do elemento empresarial coordenador/equilibrador, mas um equilíbrio que nunca é alcançado em função das circunstâncias constantemente em mudança. Isto é fundamentalmente distinto da análise de rompimento de uma situação de equilíbrio até novas situações de equilíbrio. A ignorância, a incerteza e as "falhas" do mercado proporcionam o lucro empresarial. Mas, ao atuar, o empresário tende a eliminar estes elementos. *O mecanismo de correção do mercado está implícito nos próprios mecanismos de mercado.*

4.2 A Publicidade

De acordo com Kirzner, as teorias que supõem que a propagand é ineficiente,

12 Podemos ilustrar, por exemplo, com o papel do especulador no mercado agrícola. O fato de todos os produtores colocarem um produto em determinado período faria com que os preços se tornassem muito baixos, entretanto como o especulador concentra as suas compras neste período, evita uma baixa muito acentuada no preço e supre, por outro lado, os consumidores ao longo de todo o ano, assim agindo, diminui as flutuações no mercado agrícola e assume parte dos riscos.

ou custosa, deveriam entender, também, que quando duas empresas produzem um mesmo produto estão desperdiçando, mas na verdade estão competindo. Da mesma forma supor que a propaganda influencia negativamente o consumidor (desperta "consumismo") é supor que o consumidor se encontrava em um situação "ideal" e, portanto, o deslocamento da demanda é ilegítimo e/ou que podemos saber o que é necessário ao consumidor adquirir.¹³

A teoria que vê a propaganda como um custo de informação,¹⁴ não compreende realmente a função desta em seu todo. A propaganda pode despertar desejos inatos aos consumidores, ou seja, informações que não estariam sendo buscadas no mercado, na medida em que os consumidores desconheciam essa possibilidade. Por exemplo, quantas pessoas estariam dispostas a saber onde e como comprar um videocassete há 20 anos.¹⁵ A propaganda estaria informando do produto e levando esta informação até os consumidores. Em suma, os consumidores também não sabem o que não sabem.

4.3 Empresa Privada & Empresa Estatal

As empresas estatais são uma parte integrante das economias socialistas e das chamadas economias mistas. Analisam-se, nos próximos parágrafos, aspectos pertinentes à correta alocação de recursos. As anteriores proposições austríacas permitem interpretar como estas empresas se inserem no contexto do processo de mercado. É necessário, primeiramente, definir os dois âmbitos da alocação de recursos. O âmbito estrito, a empresa propriamente dita, e o âmbito mais amplo, o mercado como um todo.

No âmbito mais estrito, a alocação eficiente de recursos, pode ser compreendida como a minimização dos custos. A crítica às empresas estatais, normalmente, abarca mais a questão do mau gerenciamento, do corporativismo e da corrupção. Aqueles que defendem as empresas estatais não negam a maioria destas críticas argumentando que é possível criar mecanismos de eficiência - uma melhor gestão. Argumentam, ainda, que estas empresas atuam em segmentos em que o mercado é falho. Ou seja, numa análise custos/benefícios, elas desenvolvem um papel social que justifica suas existências.

13 "Por que deveriam as firmas gastar para encontrar novos desejos para os consumidores quando é mais fácil satisfazer aqueles desejos que os consumidores já possuem. O fato de que firmas gastam uma grande quantidade de dinheiro em pesquisa de mercado sugere que eles tentam descobrir o que os consumidores realmente desejam. Se "despertar consumismo" era o objetivo, haveria melhores meios para gastarem o dinheiro" Shand (1984, p.118).

14 Para uma análise detalhada, ver Thomsen (1989).

15 Neste exemplo, também percebe-se o elemento empresarial, que especulou à possibilidade dos consumidores consumirem o produto (videocassete), ou seja, percebeu uma oportunidade dentro da escala de preferências dos consumidores de vender a um determinado preço e passou a contratar os fatores necessários à produção. É neste sentido que se diz que o preço esperado do bem final é que determina os seus custos e não o inverso. Isto determina a viabilidade econômica do empreendimento, ou seja, as preferências dos consumidores são o determinante último do valor.

Independente das empresas estatais serem ou não intrinsecamente ineficientes,¹⁶ no âmbito do mercado como um todo, a alocação de recursos é distorcida. Os empresários atuam com base em estímulos, na possibilidade de realização de lucros. Isto significa que os empresários estão constantemente atentos aos desequilíbrios no mercado e à sua sinalização mais poderosa, os preços. Os empresários alocam os recursos, capital e trabalho, em atividades mais intensamente solicitadas pelo mercado, pelos consumidores em última instância. Se eles deixam de investir em determinado segmento é porque a diferença esperada entre o preço de venda e os custos apontavam em outra direção.

O nascimento de uma empresa estatal é distinto de uma empresa privada. A estatal surge através de critérios de avaliação políticos. Isto não significa, que não exista demanda para os produtos ou serviços no segmento em que a empresa estatal irá atuar. Significa sim que, uma vez que os recursos são escassos - o Estado não cria recursos, apenas os transfere da sociedade para si - impede que estes mesmos recursos sejam alocados em uma atividade mais intensamente demandada pelo mercado.

O empresário também está sujeito a incorrer em erros de avaliação. O que ocorre, no caso do empresário, é que, caso ele erre e seu empreendimento fracasse, o ônus será exclusivamente dele, e se for o caso, dos acionistas.¹⁷ Isto faz com que seja cauteloso em suas atividades e a atividade empresarial seja um recurso também escasso. Se o empresário arrisca e acerta no empreendimento, sua compensação pelo risco é o lucro. Ao contrário, o ônus pela má aplicação dos recursos públicos, má aplicação consciente ou inconsciente, é transferido para a sociedade. Isto significa que, além do critério político não ser um bom critério, o estabelecimento deste critério pode não ser, diga-se assim, muito criterioso.

5. MONOPÓLIOS, CARTÉIS E ABUSO DE PODER ECONÔMICO

5.1 Monopólios

Entendem os austríacos que os monopólios podem ser classificados de dois tipos, os naturais e os artificiais. O monopólio artificial é aquele obtido através de um privilégio do Estado. Este caso é criticado de forma semelhante às empresas

16 O provável é que sejam intrinsecamente ineficientes. Mesmo porque, o burocrata que gerencia a empresa, dificilmente será responsabilizado por uma má gestão ou por ceder frente ao corporativismo.

17 Na verdade, é comum empresários fracassados em seus empreendimentos solicitarem a ajuda governamental. Isto ocorre através da utilização da imprensa, de pressões ao poder executivo e legislativo a título de evitar o "desemprego dos funcionários". Obtêm assim créditos subsidiados, restrição à importação de equivalentes, etc. Ou seja, transferem o ônus para a sociedade. A EAE se insere no contexto de livre mercado e limitação do poder coercitivo estatal (Estado mínimo). Isto implica restringir a possibilidade de o Estado conceder privilégios as custas dos demais na sociedade.

estatais. O caso do monopólio artificial, concedido por direitos autorais e patentes, é mais complexo. Os austríacos tendem a aceitar este último caso, ressaltando a complexidade de estipular o período de proteção. Além do que, a título de incentivar a pesquisa, que poderia não ocorrer caso houvesse livre pirataria,"¹⁸ poderia, ao estipular um período de reserva, estar se orientando ao mercado a deslocar recursos a pesquisa, em maior quantidade do que seriam necessários. Algumas questões adicionais como o critério para definir a concessão da patente também são discutíveis.¹⁹ Rothbard (1962) entende que, ao contrário dos direitos autorais, as patentes são um privilégio que atenta contra o mercado livre e ao direito de propriedade dos novos inventores. Rothbard sugere que os prejudicados que recorram a justiça e provem o roubo. Este autor segue a linha anarco-capitalista.

O monopólio natural é competitivo. Ele pode estar relacionado com o tamanho do mercado e com a estrutura de custos envolvida (economia de escala) ou, simplesmente, porque o monopolista oferece um produto mais barato e/ou de melhor qualidade que possíveis competidores, isto é, serve melhor seus consumidores. Neste caso o monopolista é eficiente e competitivo.

Um "rei do chocolate" não tem poder sobre os consumidores, seus clientes. Limita-se a fornecer-lhes chocolate da melhor qualidade e pelo menor preço. Não comanda os consumidores, serve-os. Os consumidores não têm nenhuma obrigação de comprar nas suas lojas. Ele perde seu 'reinado', se os consumidores preferirem gastar os seus centavos em algum outro lugar (Mises, 1990, p.270).

O monopolista neste processo é aquele que superou uma etapa da competição, a competição com várias outras empresas, e venceu servindo melhor o consumidor. Assim posto, a tentativa governamental de destruir estes monopólios é vista como uma regressão a uma etapa anterior, e menos eficiente, do processo competitivo.

Podem ocorrer situações de monopólio quando o monopolista domina a única fonte de insumo, por exemplo, minérios. Se um indivíduo especula a possibilidade de vir a produzir um determinado produto no futuro, enquanto ninguém ainda o fez, isto significa que ele adquire a mina fornecedora do insumo - e eleva a renda do proprietário da mina que, até então, poderia não ter compradores - e assume os riscos do produto a ser produzido. Esta é uma situação típica de um empreendedor. Seus lucros futuros são méritos por sua ousadia. Caso o governo intervira nesta situação, estará inibindo a "propulsão" de uma economia de mercado, o seu empreendedor. Mesmo porque, no caso em que o lucro

18 Em alguns segmentos, justamente o fato de haver pirataria, é um incentivo para que se desenvolvam novas tecnologias. Este parece ser o caso de programas e equipamentos de informática. Algumas empresas têm um retorno satisfatório entre o lançamento e a pirataria e estão sempre lançando novos produtos. Na indústria farmacêutica é mais complexo o processo de pesquisa.

19 Supondo duas firmas. A firma X investiu US\$ 800.000 em pesquisa, incluindo equipamentos e mais de cem pesquisadores. A firma Y investiu US\$ 5.000, inclui equipamentos e dois pesquisadores. A firma X descobre um produto e o patenteia. Um dia após, a firma Y descobre o mesmo produto. Qual o critério mais relevante, a economia de tempo ou de recursos?

do monopolista seja muito elevado, o mercado passará a buscar tecnologias alternativas. E, ainda, os consumidores sempre terão a possibilidade de optarem por substitutos.

5.2 Formação de Cartéis

Os oligopólios, quando não protegidos via ação governamental (leis, subsídios, reserva de mercado, etc.), são extremamente competitivos. O fato de existirem poucas empresas atuando no mercado pode estar relacionado ao tamanho do mercado e a estrutura de custos envolvida (economia de escala) ou simplesmente pelo fato destas empresas serem mais eficientes que todas as demais. Quando não existem barreiras legais à entrada de competidores, a tendência dos oligopolistas é a constante eficiência. Existe, ainda, a tendência natural dos cartéis (e conluios) ao rompimento, em virtude de não ser provável que os membros do cartel satisfaçam-se, por muito tempo, com a mesma fatia do mercado, principalmente os mais eficientes. Para Hayek (1983), a intervenção governamental, via legislação, pode ter consequências indesejáveis e imprevisíveis.

5.3 Abuso do Poder Econômico

Não existe abuso do poder econômico, mas através do poder econômico, pode haver abuso do poder político. Estes são os fundamentos da filosofia liberal austríaca, a limitação do poder arbitrário do Estado. Assim, o importante é a limitação da arbitrariedade governamental e, não, a limitação da riqueza. Cada cruzeiro, obtido de forma livre por um empreendedor, é um voto espontâneo do consumidor. Neste sentido, aquele que acumula riqueza, numa economia de mercado sem intervenções, é porque satisfaz, melhor que os demais, o consumidor. E, para não perder sua riqueza, deverá continuar a satisfazê-lo (Mises, 1990,p.269). Este empreendedor foi eleito livremente por seus méritos profissionais.

6. O SUBJETIVISMO RADICAL

O subjetivismo radical é uma vertente da EAE. Seus dois mais conhecidos membros são Lachmann (1976, 1977) e Schakle (1972). Enquanto para Mises, Hayek e Kirzner o mercado tem uma tendência ao equilíbrio, em consequência do elemento coordenador desempenhado pelo empresário que está atento às possibilidades de lucro, particularmente observando os sinais na forma de preços. Para Lachmann, por outro lado, não é possível concluir que exista esta tendência ao equilíbrio, pois o pesquisador deve dar a mesma importância tanto aos elementos equilibradores como aos desequilibradores. Veja-se Lachmann (1976,p.128):

O estado do conhecimento de uma sociedade não pode ser o mesmo em dois pontos sucessivos do tempo, e o tempo não pode passar sem que a oferta e a demanda mudem. O curso do conhecimento sempre produz novas situações de desequilíbrio, e empresários continuamente gerenciam para achar uma nova diferença entre preço e custo para explorar. Quando uma é eliminada pela persistente competição, o curso do conhecimento dirige-se para outra. Lucro é uma renda que vem das constantes mudanças dos recursos.

Quando o empresário atua, ele de fato exerce certa função equilibradora. No entanto a sua ação terá diversos desdobramentos, inclusive gerando novas forças desequilibradoras. Neste sentido, a posição de Mises, Hayek e Kirzner é um caminho intermediário entre a posição neoclássica de equilíbrio e a posição de Lachmann, em que sequer existe a tendência ao equilíbrio. Não obstante a posição radicalmente oposta aos conceitos de equilíbrio, Lachmann considera que estes modelos, em situações muito específicas e particulares, como o exame de um indivíduo ou empresa em um mercado, têm sua validade.

7. UMA CRÍTICA AOS NEOCLÁSSICOS

Os austríacos criticam outros estereótipos de mercado, como a concorrência monopolística, o monopólio e o oligopólio, tal são como apresentados pela teoria neoclássica,²⁰ por continuarem a assumir o conhecimento perfeito. O estereótipo da concorrência perfeita é uma situação limite, de caráter mais didático, a qual assume o conhecimento perfeito. Mesmo que os outros estereótipos de mercado não assumam o conhecimento perfeito, isto está implícito no modelo. Apenas se altera o formato das curvas mas continua-se a trabalhar com curvas de oferta e demanda conhecidas.

A crítica austríaca às outras estruturas de mercado é que, em vez de substituírem o exame do equilíbrio, passaram a estudar diferentes situações de equilíbrio. A análise continuou, assim, a ter sua ênfase na ação economizadora, alocar eficientemente recursos. Supondo, além do conhecimento pré-existente, que sejam conhecidas as preferências dos consumidores, tipos de bens e preços que estariam dispostos a pagar, estes aspectos seriam solucionados pelo processo de mercado. Com o processo competitivo é que se descobre os fatos e as preferências dos consumidores. O mercado constitui-se de um sistema intrincado e complexo de informações dispersas, as quais podem ser coordenadas através de elementos empresariais que atuam com base em sinais, os preços, tanto atuais como esperados. Para Hayek, a competição existe justamente nos mercados "não-perfeitos" (no sentido neoclássico).²¹

20 Kirzner define a "ortodoxia" da teoria neoclássica do preço como de raiz marshalliana agregada dos seguintes elementos: a) inovações de Robinson-Chamberlin, b) noções walrasianas de equilíbrio geral c) noções austríacas de custo, d) agregação de técnicas geométricas e rigor matemático. Excluindo características fundamentais, a competição e o *alertness*.

21 Hayek (1990a, p.274) "La búsqueda de la solución al problema económico de la sociedad siempre es una viaje de exploración a lo desconocido, un intento de descubrir nuevas formas de hacer las cosas mejor que en el pasado."

Para Mises uma economia uniformemente circular, ou seja, um modelo em que os preços dos bens e serviços são perfeitamente ajustados e as mesmas transações se repetem incessantemente, tem validade para o estudo do mercado desde que o investigador sempre esteja consciente de suas limitações.²²

A validade para Mises do modelo de equilíbrio geral é, de certa forma, curiosa. Mises compreende o caráter didático/investigativo deste modelo um pouco diferente dos economistas neoclássicos. Ou seja, de tão irreal que é o modelo ele nos leva a pensar quais as características excluídas que nos levariam a entender o complexo mundo real. A seguir uma passagem de Mises exemplificando este ponto:

Ação é mudança, e mudança implica seqüência temporal. Mas, na economia uniformemente circular, a mudança e a sucessão de eventos são eliminadas. Agir é fazer escolhas e enfrentar um mundo incerto. Mas, na economia uniformemente circular, não há escolhas e o futuro não é incerto, uma vez que não difere do estado atual já conhecido. Um sistema rígido como esse não pode ser povoado por homens fazendo escolhas e cometendo erros; é um mundo de autómatos sem alma e incapazes de pensar; não é uma sociedade humana, é um formigueiro (Mises, 1990,p.246).

Veja-se a seqüência do raciocínio de Mises (1990,p.246):

Essas contradições insolúveis, entretanto, não afetam o serviço por essa construção imaginária quando aborda os problemas para cuja solução ela é não só apropriada e, além disso, indispensável: o problema da relação entre os preços dos produtos e os dos fatores necessários a sua produção, bem como os problemas implícitos na atividade empresarial e na conta lucros e perdas. A fim de compreender a função do empresário e o significado da conta lucros e perdas construímos um sistema onde tais realidades não existem.

A questão de fundo é uma questão metodológica. A utilização da estática-comparativa não demonstra as características essenciais do mercado.²³ Muitos economistas neoclássicos perceberam estas dificuldades e estão se

22 Neste sentido, Mises descarta os investigadores que utilizam o método matemático (1990,p.248): "Os economistas matemáticos(...) Fixam sua atenção exclusivamente no imaginário estado de equilíbrio que o conjunto de todas estas ações individuais engendraria se não houvesse nova mudança nos dados. Descrevem este equilíbrio imaginário por conjunto de equações diferenciais simultâneas. Não chegam a perceber que, em tal situação, não haveria mais ação, mas apenas uma sucessão de eventos provocados por uma mística força' mtriz. Dedicam todos os seus esforços à descrição, por meio de símbolos matemáticos, dos vários equilíbrios", isto é, estados de repouso e ausência de ação. Consideram o equilíbrio uma entidade real e não uma noção limitativa, uma simples ferramenta mental. Estão apenas manipulando símbolos matemáticos, um passatempo incapaz de aduzir a qualquer conhecimento".

23 Posição contrária a de Ferguson (1981), autor que influenciou na formação de toda uma geração de economistas. "Para elucidar mais e talvez como advertência ao estudante, citamos o que Donald Dewey disse de um de seus próprios livros, mas que se aplica igualmente bem a este" este livro emprega o método do rigoroso, seguro e eu lamento a abundância de abstrações, sem humor, que serviu a economia tão bem no passado. Dada a penosa complexidade de tantos dos problemas..., não vejo qualquer outro método que nos permitirá eliminar os princípios iniciais e lidar com estes problemas de acordo com sua importância. Ou simplificamos drasticamente..., ou perambulamos para sempre na selva". Varian (1984, Cap.VI) reconhece o irrealismo da suposição dos agentes como price-takers e sugere a alternativa da dinamização como uma etapa posterior de análise.

aproximando da linha de pensamento da EAE.²⁴ Existe uma preocupação dos economistas neoclássicos de abordar estes problemas.

A dinamização dos modelos econômicos, inclusão da variável estocástica e a análise da trajetória entre dois períodos de equilíbrio, não satisfazem inteiramente as questões relevantes do mercado. Entretanto demonstram a tentativa dos economistas neoclássicos de superarem problemas em seus modelos, tornando-os mais realistas. Os economistas neoclássicos estão gradualmente se aproximando, de forma independente ou não, às colocações feitas pelos economistas austríacos.

8. CONCLUSÃO

A EAE incorpora de forma sistemática a teoria econômica uma série de pontos essenciais para a compreensão do mercado, tais como o risco, a incerteza, o tempo e o papel do empresário. O descrédito que circunda a categoria dos economistas está profundamente relacionado tanto com o irrealismo de várias de suas teorizações quanto aos sucessivos fracassos de suas predições. A EAE tenta interpretar o mercado com o máximo de realismo e, assim, suas predições vem sendo sucessivamente corroboradas. A EAE é uma alternativa muito significativa para a teoria econômica.

BIBLIOGRAFIA

- ALCHIAN, A. and ALLEN, W. *Exchange and Production: Competition, Coordination and Control*. Belmont: Wadsworth Publishing Co, 1983.
- DOLAN, E. *The Foundations of Modern Austrian Economics*. Kansas City: Sheed and Ward, 1976.
- FERGUSON, C. *Microeconomia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- HAYEK, F. The Use of Knowledge in Society. *American Economic Review*, v.35, p.519-30, 1945.
- _____. *Individualismo and Economic Order*. London: Routledge & Kegan Paul, 1949.
- _____. Competition as a Discovery Procedure. In: -----, *New Studies in Philosophy, Politics, Economics and the History of Ideas*. London: Routledge & Kegan Paul, 1978.
- _____. *Os Fundamentos da Liberdade*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília; São Paulo: Visão, 1983.
- _____. Dos Páginas de Ficción. *Estudios Públicos*, n.12, Chile, 1983a.
- _____. *La Fatal Arrogancia: los Errores del Socialismo*. Buenos Aires: ESEADE, 1990 (Obras Completas, v.1).
- _____. El Significado de la Competencia. *Libertas*, n.13, 1990a, ESEADE.
- KAUDER, E. *A History of Marginal Utility Theory*. Princeton: Princeton University Press, 1965.
- KIRZNER, I. Equilibrium versus Market Process. In: Dolan (1976).
- _____. *Perception, Opportunity, and Profit*. Chicago: The University of Chicago Press, 1979.
- _____. *Competição e Atividade Empresarial*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1986.

24 Para uma combinação de elementos neoclássicos e austríacos, ver Alchian e Allen (1983). Alchian, em contraposição a perspectiva dos price-takers, acrescenta os price-searchers. Thomsen (1985) aborda a relação neoclássicos e austríacos.

- KNIGHT, F. *Risk, Uncertainty and Profit*. Chicago: The University of Chicago, 1971.
- LACHMANN, L. On the Central Concept of Austrian Economics: market process. In: Dolan (1976). *Capital, Expectations and the Market Process*. Kansas City: Sheed, Andrews and Mcmeel, 1977.
- LANGE, O. On The Economic Theory of Socialism. In: Lippincott, B. (ed.) *On the Economic Theory of Socialism*. New York: McGraw-Hill Book Company, 1964.
- _____. The Computer and the Market. In: NOVE, A. and NITI, D.M. (eds.) *Socialist Economics*. Baltimore: Penguin Books, 1972.
- _____. A Economia Marxista e a Moderna Teoria Econômica. In: Horowitz, D. *Economia Moderna e o Marxismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972a.
- LAVOIE, D. Crítica de la Interpretación Corriente del Debate Sobre el Cálculo Económico Socialista. *Libertas*, n.6, ESEADE, 1987.
- MENGER, C. *Princípios de Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- MISES, L. *Planning for Freedom*. South Holland: Libertarian Press, 1952.
- _____. *Ação Humana*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.
- ROTHBARD, M. *Man, Economy & State*. Princeton: Van Nostrand, 1962. 2 v.
- SHACKLE, G. S. *Epistemics & Economics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.
- SHAND, A. *The Capitalist Alternative: An Introduction to Neo-Austrian Economics*. New York: New York University Press, 1984.
- SHUMPETER, J. *Historia del Análise Económico*. Barcelona: Ariel, 1971.
- THOMSEN, E. Modelos de Desequilibrio en la Teoría de los Precios: Consideraciones Críticas, *Libertas*, n. 2, ESEADE, maio 1985.
- _____. Precios e Información, *Libertas*, n.11, ESEADE, out.1989.
- VARIAN, H. *Microeconomic Analysis*. 2 ed. New York: Norton, 1984.
- VAUGHN, K. Economic Calculation Under Socialism: The Austrian Contribution, *Economic Inquiry*, p.535-54, 1980.

ABSTRACT

THE MARKET AS A PROCESS: THE AUSTRIAN APPROACH

This article lists the principal contributions of Austrian economists for an interpretation of market as a process of discovery. Elements that strongly characterize this approach are limited knowledge, time and consequently uncertainty. In this context entrepreneurs play a fundamental role. With their entrepreneurial skills, they minimize the disorders in the market as a natural and unexpected consequence of their acts. At the end of the article differences between Austrians and neoclassicals are established.